

# Comportamento Semanal de Mercado

24 a 31 de maio



## A dissonância deve persistir

As expectativas refletidas no Boletim Focus continuam deteriorando-se a despeito do comportamento confortável da inflação corrente. Receios com os rumos da política fiscal, a recomposição da diretoria do Banco Central (BC) e até a calamidade no Rio Grande do Sul (RS) ajudam a responder por esse processo de desancoragem das expectativas, mas a frustração com o início da flexibilização monetária nos EUA e a comunicação da autoridade monetária têm também papel relevante nesse movimento. A percepção é de que a conjunção desses fatores não deverá permitir a correção no curto prazo desta dissonância entre inflação corrente e expectativas.

Além de desacelerar de 3,77% a.a. em abr/24 para 3,70% a.a., a inflação dos preços livres do IPCA tem oscilado em torno do centro da meta, ficando em 2,98% a.a. em maio. Adicionalmente, o avanço da média dos núcleos acompanhados pelo BC reduziu-se de 3,61% a.a. para 3,50% a.a. e, na série dessazonalizada, a média móvel trimestral anualizada saiu de 4,00% a.a. para 3,12% a.a.. A despeito dessa melhora na dinâmica inflacionária, as expectativas de 2025 seguiram se desancorando, com as projeções passando de 3,75% para 3,77% (3,64% há 4 semanas).

O Focus passou, ainda, a contemplar apenas mais uma redução de -0,25 p.p. em junho na Selic, assim a taxa para o final de 2024 aumentou de 10,00% a.a. para 10,25% a.a. (9,63% a.a. há 4 semanas). Com base no mercado futuro, a taxa real de juros *ex-ante* permaneceu em 6,68% a.a., 0,23 p.p. acima da verificada na data da última reunião do Comitê de Política Monetária (Copom) e em patamar restritivo quando comparado com os 4,5% apresentado como a taxa neutra pelo BC.

Ainda que marcada pela volatilidade dos ativos, o balanço de dados da inflação e atividade nos EUA favoreceram a aversão ao risco ao final da semana, levando ao recrudescimento das apostas do início da derrubada da taxa de juros básica pelo *Federal Reserve* (Fed) no 2º semestre. Embora o processo de convergência à meta deva ser árduo e longo, a probabilidade de uma queda de -0,25 p.p. em setembro, indicada pelo CME, subiu na semana de 44,9% para 47,0%. Além da incerteza com a trajetória da política monetária nos EUA, a taxa de câmbio do real foi impactada pela redução nas cotações das *commodities* por causa do possível desaquecimento da economia da China.

Na semana que se adentra, sem grandes chances de mudar o cenário das expectativas, as atenções locais estarão voltadas para o resultado do PIB do 1T24, o resultado da produção industrial de abril, a produção e venda de veículos em maio, o IGP-DI da FGV e os dados da balança comercial. No ambiente internacional, destaque para os dados de emprego nos EUA (*payroll*) do mês de maio, que poderão trazer volatilidade aos mercados caso não confirmem uma desaceleração. Outro fator a acompanhar será o encontro de política monetária do Banco Central Europeu (BCE), que deverá dar início ao ciclo de flexibilização monetária, com um corte de -0,25 p.p. das taxas de juros. A semana ainda trará alguns indicadores de atividade das principais economias.

## Expectativas

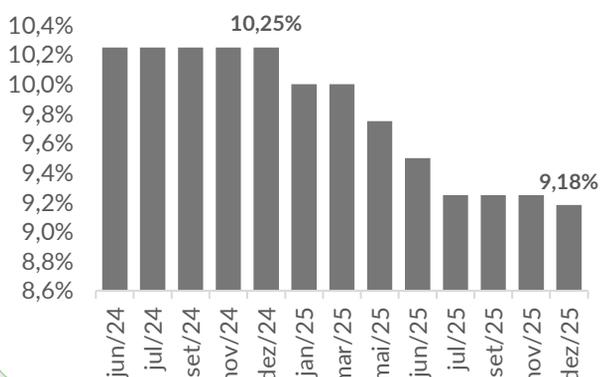
Ainda sob efeito do conteúdo da última reunião do Copom, as expectativas da trajetória da taxa básica de juros refletidas no Boletim Focus passaram a contemplar apenas mais uma redução de -0,25 p.p. que ocorreria em junho. Assim, o indicador para o final de 2024 elevou-se de 10,00% a.a. para 10,25% a.a. (9,63% a.a. há 4 semanas). Por sua vez, a pesquisa mensal com as distribuições de frequência mostrou que o percentual de respondentes que esperavam que a Selic terminaria 2024 entre 9,75% a.a. e 10,25% a.a., ampliou-se de 23,1% em 30/04 para 47,9% em 31/05 (1,4% em 28/03). Já no patamar entre 10,25% a.a. e 10,75% a.a. subiu de 0,7% para 26,7% (0,0% em 28/03). Para 2025, a expectativa da Selic saltou de 9,00% a.a. para 9,18% a.a. (9,00% a.a. há 4 semanas), enquanto para 2026 continuou em 9,00% (8,75% há 4 semanas) e para 2027 em 9,00% a.a. (8,50% a.a. há 4 semanas).

Com uma composição benigna no IPCA-15 de maio, as estimativas de curto prazo do IPCA mantiveram-se em 0,39% para maio, em 0,20% para junho e em 0,12% para julho. A despeito da perspectiva de uma distensão menor na flexibilização monetária, aprofundou-se a desancoragem das expectativas inflacionárias. O indicador para 2024 passou de 3,86% para 3,88% (3,72% há 4 semanas). No horizonte relevante para a política monetária, a estimativa da inflação para 2025 passou de 3,75% para 3,77% (3,64% há 4 semanas). Após se manter estável por um longo período, a mediana da inflação para 2026 aumentou pela 2ª semana consecutiva, variando de 3,58% para 3,60% (3,50% há 4 semanas). Há 48 edições, a previsão para 2027 permaneceu em 3,50%. As distribuições de frequência mensais ratificaram esse quadro, com as estimativas do IPCA entre 3,72% e 4,10% passando de 45,7% em 30/04 para 69,0% em 31/05 (46,7% em 28/03). Para 2025, houve uma elevação de 40,9% para 53,9% na parcela de projeções superiores à 3,74% (27,6% em 28/03).

Embutindo os prêmios de riscos nas negociações de NTN-Bs, a inflação implícita registrou ligeira redução na semana. A taxa para o prazo de 1 ano passou de 4,12% para 4,10%, a de 2 anos de 4,59% para 4,56% e a de 3 anos de 4,85% para 4,84%. Mesmo com a inflação e juros mais elevados, a mediana das projeções para a expansão do PIB ficou estável em 2,05% para 2024 e em 2,00% para os anos de 2025, 2026 e 2027. Já o cenário para o câmbio não mostrou alterações, com a taxa estimada aos finais de 2024 e 2025 permanecendo em R\$/US\$ 5,05 e a prevista para os fins de 2026 e 2027 em US\$ 5,10.

Por fim, mesmo com os ruídos, as projeções dos números fiscais pouco têm modificado, mantendo-se em níveis acima das metas. A mediana para o déficit primário de 2024 permaneceu em -0,70% do PIB (-0,67% há 4 semanas), para 2025 diminuiu de -0,63% para -0,60% do PIB (-0,68% há 4 semanas), para 2026 continuou em -0,50% do PIB (-0,50% há 4 semanas) e a para 2027 variou de -0,35% para -0,30% do PIB (-0,23% há 4 semanas). Ponto também de preocupação a evolução da dívida líquida do setor público. Para 2024, a projeção reduziu-se de 63,80% do PIB para 63,70% (-63,85% há 4 semanas). Manteve-se na margem em 66,50% (66,50% há 4 semanas) para 2025, e em 68,30% (68,4% há 4 semanas) para 2026. Por fim, para 2027, houve um acréscimo de 70,55% para 70,88% (69,90%).

### Selic - Mediana das Projeções (% a.a.)



### IPCA - Mediana das projeções (% a.a.)

	IPCA (%)		
	Mediana - agregado		
	31/05/2024	Últ. Semana	Há 4 semanas
mai/24	0,39	0,39	0,29
jun/24	0,20	0,20	0,17
jul/24	0,12	0,12	0,15
2024	3,88	3,86	3,72
2025	3,77	3,75	3,64
2026	3,60	3,58	3,50

Fonte: BCB/Focus. Elaboração ABBC

## EUA

A 1ª divulgação da semana a movimentar os preços de mercados foi a confiança do consumidor nos EUA que sinalizou um sentimento mais favorável ao aquecimento do consumo. Após 3 meses em queda, o indicador medido pelo *Conference Board* cresceu de 97,5 em abr/24 para 102,0 em maio. A melhora mais acentuada ocorreu no indicador de situação atual (140,6 para 143,1), em detrimento do índice de expectativas (68,8 para 74,6).

Ao compilar as visões de empresários e líderes regionais dos 12 distritos do Fed, o Livro Beige indicou que a economia dos EUA continua avançando em ritmo sólido, longe de uma recessão, embora fossem observados crescentes riscos e incertezas e as perspectivas permanecessem pessimistas. Entre o início de abril e meados de maio, os preços aumentaram a um ritmo modesto diante da maior sensibilidade dos consumidores à inflação. Isso, por sua vez, levou a margens de lucro menores, já que os preços de matérias-primas aumentaram. Os gastos no varejo registraram estabilidade, refletindo gastos discricionários mais tímidos. O mercado de trabalho avançou em um ritmo modesto, enquanto as condições de crédito se mantiveram apertadas e o alto nível dos juros continuou pesando sobre a demanda por empréstimos.

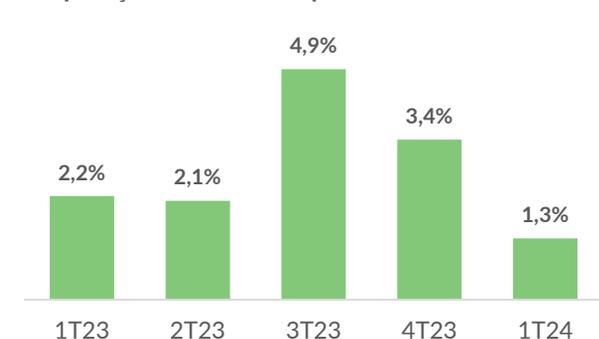
Sinalizando um arrefecimento da atividade, a revisão do PIB no 1T24 dos EUA mostrou um crescimento de 1,3% em termos anualizados. Não só desacelerando de uma expansão de 3,4% a.a. no 4T23, mas também contrariando a expectativa de levantamento da FactSet de confirmação da leitura inicial de um aumento de 1,6% a.a.. O resultado refletiu a revisão no ritmo de avanço no consumo de 2,5% a.a. para 2,0% a.a., mas também a perda de intensidade na elevação nas exportações e nos gastos dos governos, compensadas parcialmente pelas elevações nos gastos com imóveis residenciais e nas importações. Por sua vez, o índice de preços de gastos com consumo (PCE) subiu 3,3% no primeiro trimestre, abaixo da preliminar de alta de 3,4% antes informada. O núcleo do PCE avançou 3,6%, também inferior à preliminar de 3,7%.

Conjugado com esse cenário, o PCE de abril trouxe um certo alívio, ainda que incapaz de gerar a confiança necessária de que a inflação esteja de fato convergindo de forma sustentável para a meta de 2%. Em linha com o consenso de mercado, o PCE repetiu o crescimento de 0,3% na margem, verificado em mar/24. A taxa anualizada manteve-se também estável em 2,7% a.a.. Excluindo-se os preços de energia e alimentos, o índice subiu 0,2% em abril, variação abaixo do 0,3% esperado e observado em mar/24. Na margem, a taxa anualizada permaneceu em 2,8% a.a.. Em abril, a renda pessoal cresceu 0,3% na margem, as despesas pessoais aumentaram 0,2% e os gastos dos consumidores tiveram incremento de 0,2%.

Indicando um ligeiro esfriamento no mercado de trabalho, na semana encerrada em 25 de maio, os pedidos por seguro-desemprego cresceram em 3 mil na comparação com o número revisado da semana anterior. Com 219 mil solicitações, o indicador ficou levemente acima dos 218 mil esperadas.

Refletindo o aperto das condições monetárias, após um crescimento de 3,4% em mar/24, o índice de vendas de moradias pendentes registrou uma queda surpreendente de -7,7% em abril, a maior queda desde fev/21.

**PIB Trimestral**  
Comparação com mesmo período ano anterior



**PCE**  
Variação anual



Fonte: Bloomberg | Fed. Elaboração ABBC

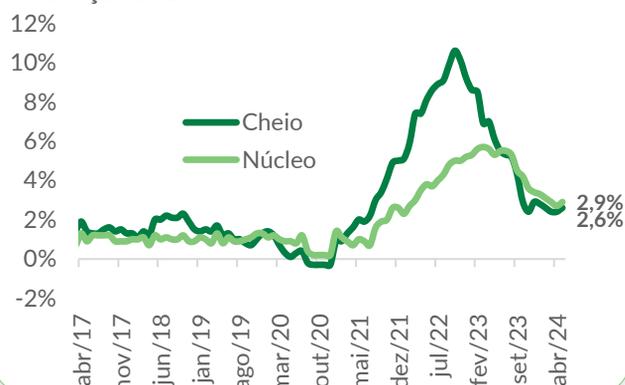
## Economia Internacional

Colocando dúvidas na trajetória de desinflação, o índice de preços ao consumidor (CPI) da zona do euro avançou de 2,4% a.a. em abr/24 para 2,6% a.a. na leitura preliminar de maio, superando a expectativa de levantamento da FactSet de uma alta de 2,5% a.a.. Na decomposição, o componente serviços avançava em 4,1% a.a., alimentos, álcool e tabaco em 2,6% a.a., bens industriais não energéticos em 0,8% a.a. e energia em 0,3% a.a.. A medida de núcleo do CPI, que exclui os preços de energia e alimentos, passou de 2,7% a.a. em abr/24 para 2,9% a.a..

Ainda, o índice de confiança do consumidor da região avançou de -14,7 em abr/24 para -14,3% em maio, enquanto o índice de sentimento econômico subiu, em igual período, de 95,6 para 96,0. Por fim, o índice de expectativas de emprego recuou de 101,6 em abr/24 para 101,3.

Na China, graças à redução acentuada da demanda de mercado, a atividade manufatureira caiu inesperadamente em contração em maio, interrompendo uma sequência de 2 meses de crescimento. O índice de gerentes de compras (PMI) industrial passou de 50,4 em abr/24 para 49,5, ficando abaixo da estimativa da FactSet de estabilidade em 50,4 e do limite que indica expansão. No mesmo período, o PMI de serviços cedeu de 51,2 para 51,1, e ficando abaixo do previsto de uma alta para 51,3.

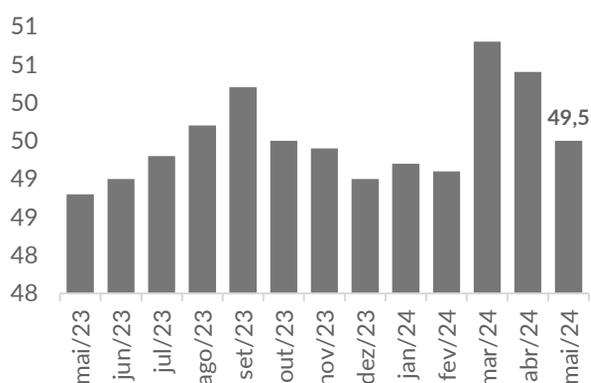
### Zona do Euro – Inflação ao Consumidor Variação anual



### Zona do Euro



### China – Índice de Gerentes de Compras



Fonte: ECB | Comissão Europeia | Bloomberg.. Elaboração ABBC

## Aversão ao Risco

A semana iniciou-se com a pressão nas taxas de juros internacionais por causa dos receios com uma pressão inflacionária motivada pelo aumento do preço do petróleo com o agravamento das tensões no Oriente Médio. A estrutura a termo da taxa de juros (ETTJ) nos EUA foi impactada, ainda por uma oferta excessiva em leilão de títulos públicos. A inclinação da ETTJ aumentou no período com o aumento nas taxas longas e queda nos vértices de curto prazo.

Entretanto, ainda que marcada pela volatilidade dos ativos e as divulgações de atividade econômica e inflação nos EUA, a aversão ao risco foi favorecida ao final da semana com o recrudescimento das apostas do início de flexibilização monetária pelo Fed no 2º semestre.

Mas a leitura em terreno de contração, abaixo do limiar de 50, para o índice de atividade industrial (PMI) da China em maio resultou em correção nos preços das commodities, em especial o minério de ferro

Na semana, a probabilidade de redução na taxa básica de juros em setembro, indicada pelo FedWatch do CME, saiu de 44,9% em 24/05 para 47,0%. Se as chances de apenas um corte de -0,25 p.p. em 2024 são majoritárias em 39,6%, houve um avanço no período de 31,0% para 33,7% nas apostas de um corte total de 0,5 p.p. em 2024

Com esse quadro, houve queda de -0,04 p.p. para 4,89% a.a. na rentabilidade do T-Note de 2 anos e de -0,01 p.p. para 4,52% a.a. no de 5 anos. Por outro lado, ocorreu alta de 0,05 p.p. para 4,51% a.a. no de 10 anos e de 0,08 p.p. para 4,65% a.a. no de 30 anos.

As principais bolsas internacionais encerraram a semana com perdas, destacando as quedas de -1,10% na Nasdaq, de -0,98% no Dow Jones, de -0,51% no S&P 500, de -1,05% no DAX 40, de -0,51% no FTSE 100, de -0,41% no Nikkei 225 e de -0,07% no Xangai. Contudo, a maior parte das bolsas apresentou alta em maio, a exceção ficou com a China, que refletiu os temores com relação à evolução da atividade. No mês, houve elevações de 6,88% na Nasdaq, 4,80% no S&P 500 e de 3,16% no DAX 40.

Em linha com a preocupação com a economia da China, o mercado de *commodities* perdeu força. A cotação da saca de soja negociada em Chicago recuou -3,45% e o preço do minério de ferro na bolsa de Qingdao caiu -2,87%. Com queda de -0,61%, a cotação do barril de petróleo tipo Brent finalizou em US\$ 81,62, com o movimento intensificado pela alta nos estoques de gasolina nos EUA, indicando uma demanda mais fraca, o que deverá levar a Opep+ expandir seu programa de redução na oferta da *commodity*.

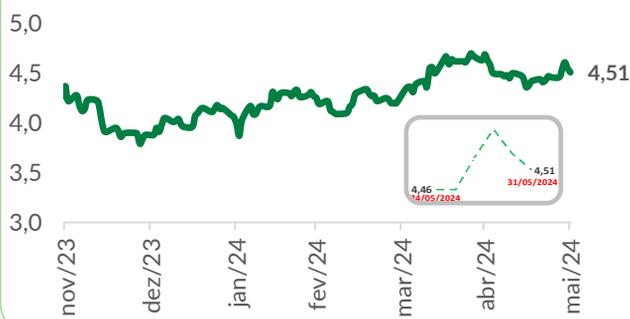
No cenário local, permanece o movimento de alta nos prêmios de riscos dos ativos domésticos. O Indicador de Incerteza da Economia Brasileira (IIE-Br) da FGV subiu 6,4 pts. na passagem de abr/23 para maio, para 112,9 pts., o maior nível desde mar/23. Essa alta levou o indicador a um patamar desfavorável após 11 meses oscilando em torno de 110 pts.. O Ibovespa acumulou uma queda semanal de -1,78%, finalizando o mês de maio com uma redução de -3,04%, voltando ao patamar dos 122 mil pts.. Entretanto, o risco soberano brasileiro, medido pelo CDS de 5 anos, recuou -4,89 bps. na semana para 142,82 bps., com um ligeiro crescimento de 10,39 bps. no acumulado do ano.

### Bolsas Internacionais

Bolsas	Em pts	Variação		
	31/05/2024	Semana	Mês	12 meses
Bovespa	122.098	-1,78%	-3,04%	10,43%
Nasdaq	16.735	-1,10%	6,88%	27,74%
S&P	5.278	-0,51%	4,80%	25,03%
Dow Jones	38.686	-0,98%	2,30%	17,01%
FTSE 100	8.275	-0,51%	1,61%	10,48%
DAX 40	18.498	-1,05%	3,16%	16,68%
Nikkei 225	38.488	-0,41%	0,21%	23,56%
Xangai	3.087	-0,07%	-0,58%	-3,68%

### T-Note de 10 anos

Rendimento em % a.a.



## Câmbio

Com volatilidade na semana, o dólar depreciou-se ligeiramente durante o período. O *Dollar Index*, que mede o desempenho da divisa dos EUA frente a uma cesta de moedas de países desenvolvidos, recuou -0,05% na semana. As apreciações de 0,04% na libra esterlina e de 0,01% no euro, ocorreram a despeito de que há uma perspectiva de que o BCE e o Banco Central do Reino Unido (BoE) devam se anteceder ao Fed no início dos ciclos de flexibilização monetária.

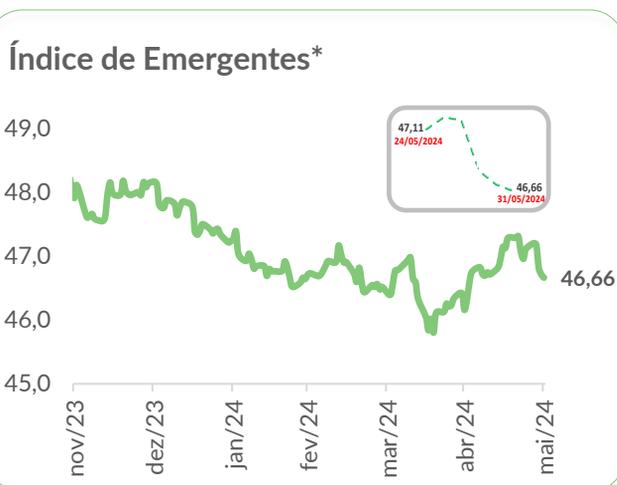
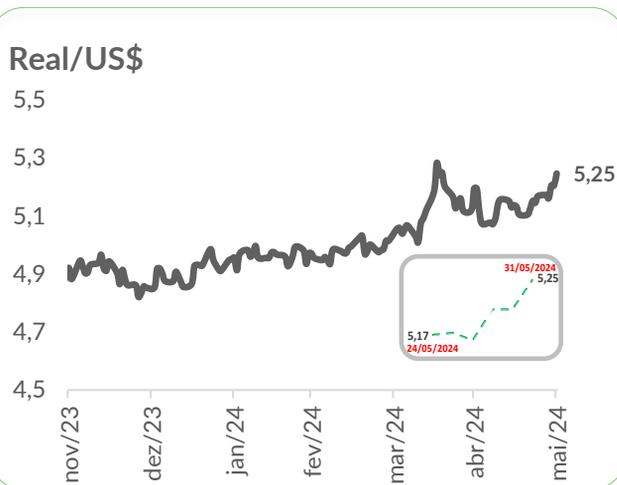
No sentido inverso, o índice que calcula a variação de uma cesta de moedas de países emergentes em relação ao dólar exibiu uma queda de -0,96%, respondendo à redução nos preços das principais *commodities*. No período, destaques para as depreciações de 2,04% no rand sul-africano, de 1,90% no peso mexicano, de 0,87% no rublo russo, de 0,54% no peso argentino e de 0,45% na rúpia indiana, além da apreciação de 0,12% no peso colombiano.

Com um pior desempenho do que a média de seus pares emergentes, o real depreciou-se em 1,50% na semana. Com uma alta de R\$ 0,08, o dólar encerrou o período cotado a R\$ 5,25. Além do aumento crescente de prêmios de risco, questões técnicas ajudam a explicar o comportamento da taxa de câmbio. Entre elas, a disputa pela formação da última taxa *ptax* de maio, na primeira etapa de negócios, e a rolagem e a cobertura de posições típicas de final de mês. Eventuais remessas de recursos para fora por parte de grandes investimentos estrangeiros podem ter também contribuído.

Durante a semana, o BC manteve a rolagem dos *swaps* cambiais com vencimento em 01/08/2024. Por fim, o fluxo cambial ficou negativo em US\$ -856 milhões na semana entre os dias 20 e 24 de maio, decorrente da entrada líquida de US\$ 2,90 bilhões na conta comercial e da saída líquida de US\$ -3,75 bilhões na financeira.

\*Cesta de Moedas de países emergentes:

Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rupia indiana e Dólar de Singapura.



Fonte: Bloomberg/BCB. Elaboração ABBC

## Taxa de Juros

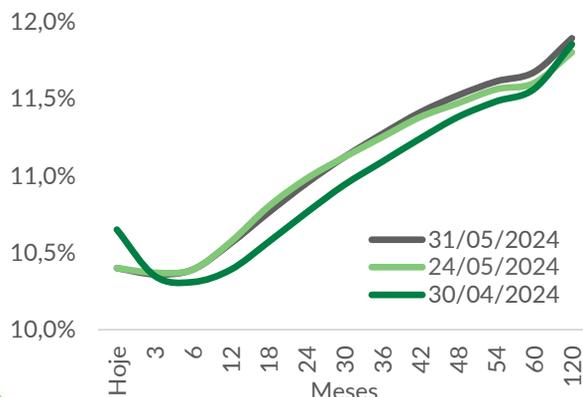
A ETTJ encerrou a semana com ganho de inclinação. O balanço favorável do IPCA-15 de maio deve ter contribuído na redução dos prêmios nos vértices mais curtos. Em linha com a continuidade do processo de desancoragem das expectativas inflacionárias e as elevações nos rendimentos das *T-Notes* mais longas, houve aumento nas taxas de juros de prazos mais longos.

Em relação ao fechamento da semana anterior, a taxa de 6 meses permaneceu em 10,39% a.a., a de 1 ano recuou de 10,57% a.a. para 10,56% a.a. e a de 2 de 10,98% a.a. para 10,95% a.a., enquanto a de 3 anos subiu de 11,25% a.a. para 11,27% a.a., a de 4 de 11,47% a.a. para 11,52%, a de 5 de 11,60% a.a. para 11,67% e a de 10 anos saiu de 11,80% a.a. para 11,89%.

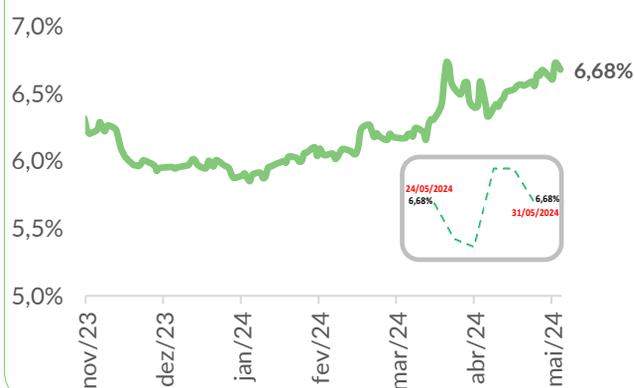
Na semana, a inflação esperada para os próximos 12 meses recuou -0,01 p.p (3,64%), assim como o *swap* DI, fazendo com que a taxa real de juros *ex-ante* permanecesse em 6,68% a.a., ainda em patamar restritivo. Em maio, a taxa real de juros acumulou uma elevação de 0,09 p.p..

Por fim, a medida de inclinação da curva de juros calculada pelo *spread* entre as taxas prefixadas de 10 anos e de 1 ano, negociadas na B3, subiu 0,10 p.p. na semana para 1,33 p.p.. Em maior intensidade, o diferencial entre as taxas pré de 10 anos e de 1 ano, na negociação de títulos públicos na Anbima, aumentou 0,14 p.p. no período para 1,44 p.p..

### Estrutura a Termo da Taxa de Juros (% a.a.)



### Taxa Real de Juros ex-ante (% a.a.)



### Spread da Taxa de Juros

Diferença entre as taxas de 1 e 10 anos - em p.p.



Fonte: Bloomberg/B3. Elaboração ABBC

## IPCA - 15- Mai/24

Após variar 0,21% em abril, o IPCA-15 subiu 0,44% em maio, ficando abaixo da estimativa de uma alta de 0,47% de levantamento do Valor Data. Dessa forma, a variação anual do indicador cedeu de 3,77% a.a. em abr/24 para 3,70% a.a. (4,07% a.a. em mai/23).

No comparativo com a leitura de mar/24, houve aceleração em 6 das 9 classes de despesas: habitação (0,07% para 0,25); vestuário (0,41% para 0,66%); transportes (-0,49% para 0,77%); saúde e cuidados pessoais (0,78% para 1,07%); educação (0,05% para 0,11%) e comunicação (0,17% para 0,18%). Em compensação, ocorreu uma melhora em alimentação e bebidas (0,61% para 0,26%); artigos de residência (0,03% para -0,44%) e despesas pessoais (0,40% para 0,18%).

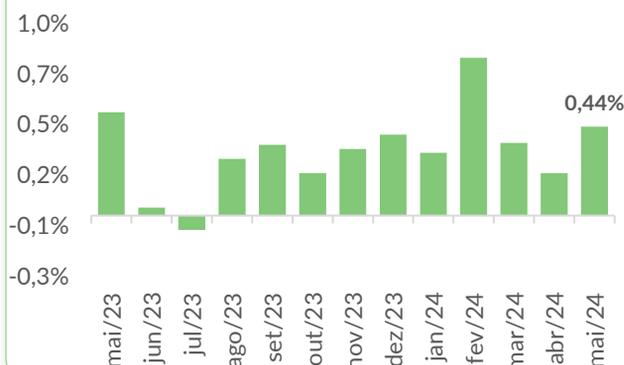
Alavancado pelo aumento dos preços da gasolina (1,90% e 0,09 p.p.) e das passagens aéreas (6,04% e 0,04 p.p.), o grupo transportes contribuiu com +0,16 p.p. no índice total. Após a autorização do reajuste de até 4,50% nos preços dos medicamentos, os custos dos produtos farmacêuticos elevaram-se em 2,06%, fazendo com que o grupo saúde e cuidados pessoais impactasse +0,14 p.p..

A despeito do avanço mensal, a dinâmica dos preços mostrou uma composição benigna. A inflação dos preços livres tem oscilado em torno do centro da meta, ficando em 2,98% a.a. maio ante 2,99% a.a. em abr/24. A média dos núcleos acompanhados pelo Banco Central desacelerou de 3,61% a.a. em abr/24 para 3,50% a.a.. Na série dessazonalizada, a média móvel trimestral anualizada saiu de 4,00% a.a. para 3,12% a.a..

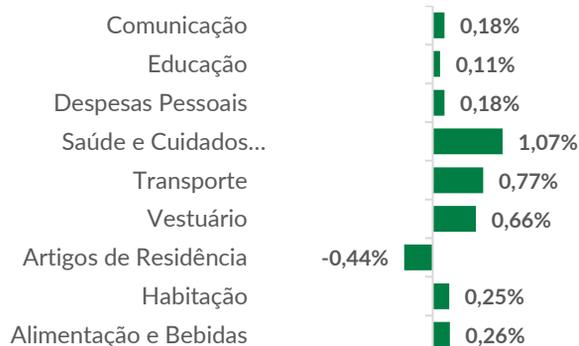
Como surpresa positiva, os preços dos serviços subjacentes, que mais respondem ao ciclo econômico, arrefeceram de 4,93% a.a. para 4,79% a.a.. Ainda, o de alimentação no domicílio caiu de 2,07% a.a. para 1,68% a.a. e o de bens industriais de 1,25% a.a. para 0,93% a.a..

Em termos prospectivos, os dados de inflação poderão refletir alguma pressão, sobretudo no segmento de alimentos, especialmente grãos, devido às chuvas no RS e do impacto em algumas lavouras.

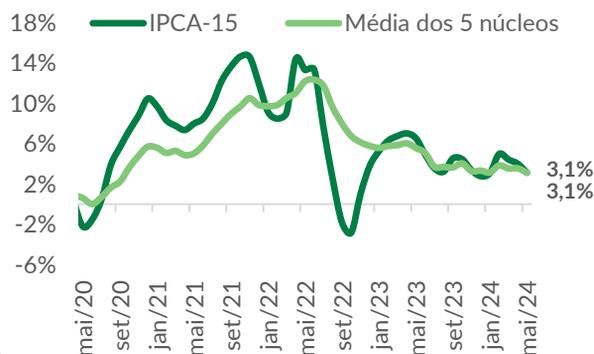
### Variação Mensal



### Variação Mensal Por grupo



### Variação Anual MM3 dessazonalizada



Fonte: IBGE.. Elaboração ABBC

## IGP-M- Mai/24

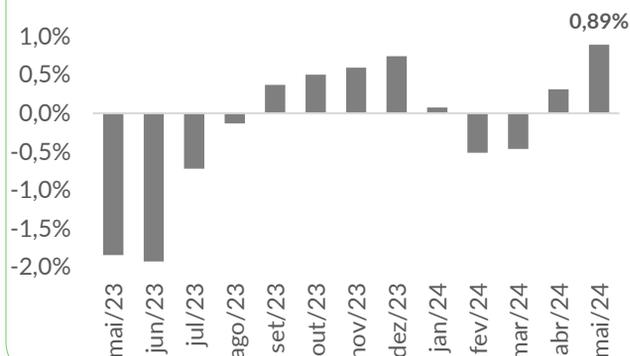
Acelerando em relação a alta de 0,31% em abril, o IGP-M registrou uma elevação de 0,89% em maio, ficando acima do 0,84% projetado por levantamento do Valor Data. Com isso, a taxa anualizada desacelerou de -3,04% a.a. em abr/24 para -0,34% a.a. (-4,47% a.a.).

No mês, o IPA apresentou acréscimo de 1,06%, ante uma alta de 0,29% em abr/24, impulsionado pela aceleração nos preços de matérias-primas brutas (+2,15%) e bens intermediários (+1,03%), enquanto bens finais tiveram pouca variação (+0,06%). Entre as maiores influências positivas no IPA, estão: minério de ferro (-4,78% para 8,18%) e farelo de soja (-2,32% para 9,58%). Em 12 meses, o índice apontou queda de -1,73%, contra -5,41% em abr/24 (-7,54% em mai/23).

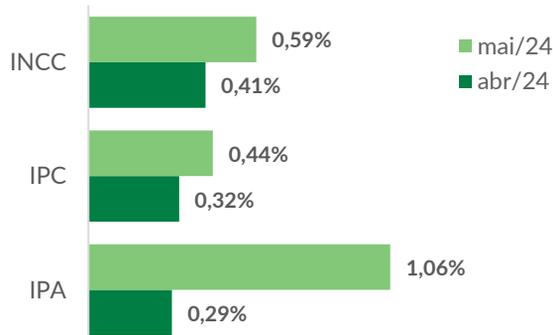
Já o IPC subiu 0,44%, contra 0,32% no mês anterior. Entre suas 8 classes de despesas, 5 apresentaram aceleração na variação, sendo o maior impacto do grupo educação, leitura e recreação, que passou de -1,37% para 0,13%. Também mostraram avanço: transportes (0,24% para 0,66%), saúde e cuidados pessoais (0,63% para 0,78%), comunicação (0,16% para 0,58%) e despesas diversas (0,18% para 0,20%). Os grupos de alimentação (0,83% para 0,51%), habitação (0,54% para 0,29%) e vestuário (0,05% para -0,58%) exibiram recuo em suas taxas. Com esse resultado, o IPC anualizado desacelerou de 3,00% em abr/24 para 2,96% (3,37% a.a. em mai/23).

Por fim, o INCC subiu de 0,41% em abr/24 para 0,59% em maio, com os seus 3 grupos contribuindo para esse avanço. A categoria materiais e equipamentos passou de 0,17% para 0,25%, serviços de 0,29% para 0,50% e mão de obra de 0,74% para 1,05%. Em 12 meses, a taxa do índice acelerou de 3,48% em abr/24 para 3,68% (6,32% a.a. em mai/23).

### Variação Mensal



### Variação Mensal Por grupos



### Variação Anual



Fonte: FGV.. Elaboração ABBC

## Emprego- Abr/24

Após uma criação líquida de vagas de trabalho de 244.716 em mar/24, o Novo Caged registrou em abril a abertura de 240.033 vagas de trabalho com carteira assinada, superando a projeção 214.448 de levantamento do Valor Data.

O resultado representou um crescimento de 32,1% em comparação com o mesmo mês de 2023, quando foram criados 181.761 postos de trabalho. Todavia, o saldo acumulado em 12 meses foi de 1.701.950, com recuo de -10,7% em relação ao observado em abr/23.

O maior destaque do mês foi o setor de serviços, com uma criação de 138.309 postos de trabalho, seguido pela indústria, com abertura de 35.990 vagas. Revertendo o saldo negativo de -6.095 mil vagas de mar/24, a agropecuária criou 6.576 postos.

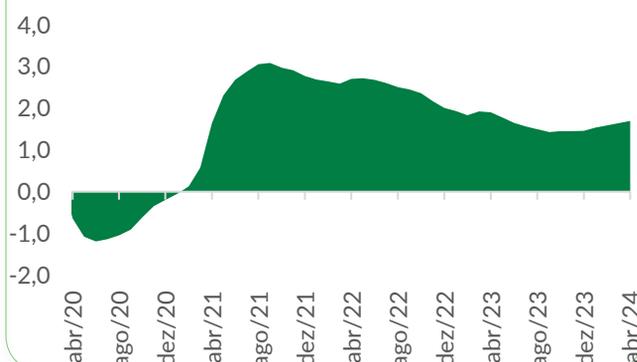
No que se refere ao salário médio de admissão, houve acréscimo real mensal de 1,8%, ficando em R\$ 2.126,16. Em comparação com o mesmo mês de 2023, o salário médio de admissão apresentou alta real de 2,2%.

Abaixo das projeções do mercado e representando o melhor resultado para este trimestre móvel desde 2014, a taxa de desemprego da Pnad contínua do IBGE ficou em 7,5% no período móvel encerrado em abril.

Interrompendo um movimento de expansão e impulsionado pelo retorno nos segmentos de educação e pela reversão nas perdas de vagas no comércio, houve queda no indicador de -0,1 p.p. em relação a jan/24 e de -1,0 p.p. em 12 meses.

Por fim, o rendimento médio habitual cresceu 0,8% em relação ao trimestre encerrado em jan/24, passando de R\$ 3.126 para R\$ 3.151. Na comparação anual, representou um avanço de 4,8%.

**Caged: Geração de Empregos**  
Acumulada em 12 meses – em milhões  
Com declarações fora do prazo



**Pnad: Taxa de Desemprego**  
Trimestre móvel – em % da população ativa



**Pnad: Rendimento Médio Habitual**  
De todos os trabalhos – em R\$



Fonte: Caged/Pnad Contínua.. Elaboração ABBC

## Sondagens FGV- Mai/24

Em maio, as sondagens da FGV apresentaram direções distintas. Analisando-se o lado do consumidor, o índice de confiança recuou -4,0 pts., para 89,2 pts., após 2 elevações consecutivas. Esse resultado foi influenciado pela piora nas expectativas para os próximos meses, enquanto a percepção sobre a situação atual manteve-se estável em patamar desfavorável. O desastre ambiental no RS foi um dos principais vetores para essa queda nas expectativas, diante das incertezas sobre a economia local.

Do lado empresarial, a confiança do comércio também recuou -4,0 pts. em maio, para 91,5 pts., refletindo a piora nas avaliações sobre a demanda no momento presente em decorrência do desastre no RS. Por sua vez, a estabilidade observada nas expectativas futuras manteve o índice em baixo patamar, sugerindo um cenário de incerteza sobre a retomada do setor.

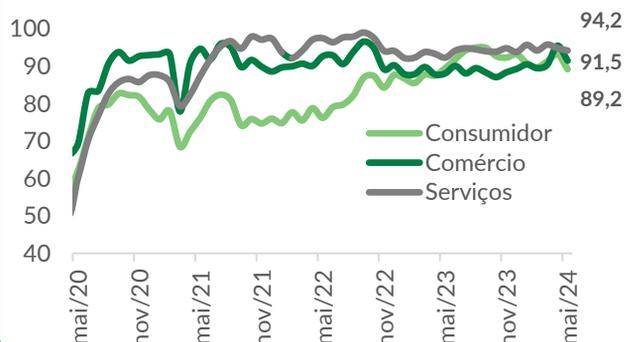
Recuando pelo 3º mês seguido, o indicador para serviços caiu -0,6 pt. em maio, para 94,2 pts., reforçando a percepção da desaceleração do setor nos últimos meses. Mesmo com a resiliência da demanda atual, resultados negativos em relação ao futuro não apontam uma forte retomada no primeiro semestre do ano.

Já a confiança da construção subiu 1,2 pt. no mês, para 96,4 pts., após recuar 2 meses consecutivos. Essa retomada, já era esperada desde o início do ano, foi disseminada pelos 3 grandes segmentos da atividade - edificações, infraestrutura e serviços especializados.

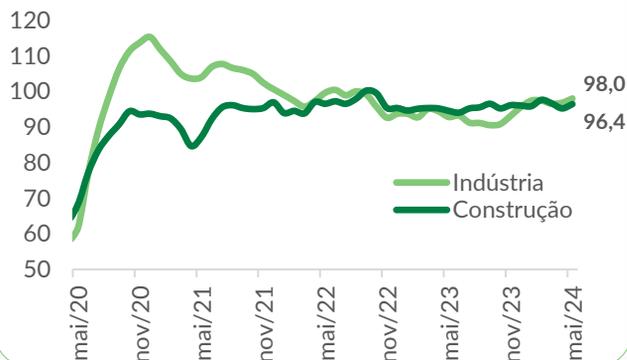
Em consonância, a confiança da indústria mostrou acréscimo no mês, subindo 1,2 pt. para 98,0 pts.. Uma melhora da situação atual e da percepção de demanda, em conjunto com o nível dos estoques se aproximando da normalidade, influenciaram esse resultado.

Por fim, o Nível de Utilização da Capacidade Instalada (NUCI) de maio decresceu -0,6 pt. na indústria, para 81,8 pts., enquanto para construção se manteve estável em 79,9 pts..

### Índices de Confiança Dessazonalizados



### Índices de Confiança Dessazonalizados



### Utilização da Capacidade Instalada



Fonte: FGV.. Elaboração ABBC

## Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024E
<b>Atividade, Inflação e Juros</b>										
PIB Real (% a/a)	-3,55	-3,28	1,32	1,78	1,2	-3,9	4,6	2,9	2,9	2,0
Crédito (% a/a)	7,00	-3,50	-0,40	5,10	6,4	15,6	16,5	14,0	7,9	8,7
Desocupação (% fim de período)	9,10	12,20	11,90	11,70	11,1	14,2	11,1	7,9	7,4	7,7
IPCA (% a/a, fim de período)	10,67	6,29	2,95	3,75	4,3	4,5	10,1	5,8	4,6	3,9
IGP-M (% a/a, fim de período)	10,54	7,17	-0,52	7,54	7,3	23,1	17,8	5,5	-3,2	2,9
Taxa Selic (% fim de período)	14,25	13,75	7,00	6,50	4,50	2,00	9,25	13,75	11,75	10,50
<b>Setor Externo e Câmbio</b>										
Balança Comercial - (US\$ bi)	13,7	40,2	56,0	46,6	35,2	50,4	61,4	61,8	98,6	80,0
Conta Corrente (US\$ bi)	-54,8	-24,5	-22,0	-51,5	-65,0	-24,5	-28,1	-56,0	-28,6	-32,5
Investimento Direto no País (US\$ bi)	64,7	74,3	68,9	78,2	69,2	37,8	53,3	90,6	61,9	70,0
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	3,9	3,3	3,3	3,9	4,0	5,2	5,7	5,3	4,8	5,05
<b>Fiscal</b>										
Resultado Primário (% PIB)	-1,9	-2,5	-1,7	-1,5	-0,8	-9,4	0,7	1,3	-2,3	-0,7
Resultado Nominal (% PIB)	-10,2	-9,0	-7,8	-7,0	-5,8	-13,6	-4,4	-4,7	-8,9	-7,0
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	35,6	46,1	51,4	52,8	54,7	62,5	57,2	57,5	60,0	63,8
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	65,5	69,8	73,7	75,3	74,4	88,6	80,3	73,4	74,3	78,0



## Diretoria de Economia, Regulação e Produtos



[abbc.org.br](http://abbc.org.br)  
[assessoriaeconomica@abbc.org.br](mailto:assessoriaeconomica@abbc.org.br)



Av. Paulista, 1842 -15º andar - Conj. 156  
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte -  
Cerqueira César São Paulo -SP



Tel.: (55) 11 3288-1688